



## OS EFEITOS DE SENTIDO DAS PALAVRAS PARA ALÉM DO LUGAR DICIONARÍSTICO DESTINADO A ELAS

### THE EFFECTS OF SENSE OF WORDS BEYOND THE DICTIONARY PLACE AIMED AT THEM

Andressa Brenner<sup>1</sup> (UFSM)  
Thaís Costa<sup>2</sup> (UFSM)

#### RESUMO

Neste estudo, apresentamos uma análise discursiva de um dicionário de língua portuguesa do Brasil, com o objetivo de investigar a produção de sentidos, mais especificamente, no verbete democracia, enquanto palavra que tem sido mobilizada no discurso político atual, no âmbito das manifestações de rua. Esse dicionário é o Novo Aurélio Século XXI, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Fazendo parte desse processo analítico, há figuras que mostram como democracia aparece significando hoje, o que será essencial ao estabelecermos um contraponto com as acepções propostas pelo Novo Aurélio Século XXI, mostrando que definições não podem ser ali contidas, pois dali escapam, dado que os sentidos têm materialidade, historicidade; eles não têm fronteiras, tampouco limites.

**Palavras-chave:** Dicionário. Análise de Discurso. Processos de Significação.

#### ABSTRACT

In this study, we present a discursive analysis of a dictionary of Portuguese language in Brazil, with the objective of investigating the production of meanings, more specifically, in the entry democracy, as a word that has been mobilized in the current political discourse, in the context of street demonstrations. This dictionary is the New Aurelio Século XXI, by Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. As part of this analytical process, there are figures that show how democracy appears to mean today, which will be essential in establishing a counterpoint to the meanings proposed by the New Aurelio XXI Century, showing that a definition can not be contained there, since it escapes, since the senses have materiality, historicity; they have no boundaries, no boundaries.

**Keywords:** Dictionary. Discourse Analysis. Processes of Significance

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria, linha de pesquisa: língua, sujeito e história, orientada pela Prof. Dr. Amanda Eloina Scherer. Mestre em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria, linha de pesquisa: língua, sujeito e história. Graduada no Curso de Licenciatura em Letras - Habilitação Português e Literaturas da Língua Portuguesa da Universidade Federal de Santa Maria. Bolsista CAPES.

<sup>2</sup> Graduada na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas. Participou do Programa de Educação Tutorial - PET Conexões de Saberes - Letras - Laboratório Corpus da UFSM. Atualmente, é aluna do Programa de Pós-graduação em Letras no nível de Mestrado e está inserida no projeto de pesquisa "A constituição do sujeito na e pela língua: investigações acerca do processo de gramatização, manutenção e atualização do saber nos e sobre os instrumentos linguísticos - Terceira Fase ", da Linha de Pesquisa Língua, Sujeito e História coordenada pela professora Dr. Verli Petri (CORPUS/UFSM/PPGL)



## 1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho, nosso olhar volta-se especificamente para o dicionário. Compreendendo-o como um instrumento linguístico fundamental para o processo de gramatização de uma língua (AUROUX, 1992) e como um objeto discursivo a ser lido (NUNES, 2006), vislumbramos a possibilidade de produção de um conhecimento sobre a palavra democracia que suplante o lugar dicionarístico destinado a ela, na busca de conceber os processos de produção de sentidos em determinados momentos sociais.

Para tanto, nosso gesto de leitura fundamenta-se nos pressupostos da Análise de Discurso. Pela Análise de Discurso, entendemos que o dicionário se constitui como um imaginário de língua para aquele que a fala; imaginário que vai, segundo Orlandi (2000), representar a língua como um instrumento domesticável e, igualmente, representar um controle que o sujeito teria de sua relação com a língua. Aportados na Análise de Discurso, esse imaginário modifica-se. O dicionário, sob essa perspectiva, é visto como um objeto produzido em certo momento histórico e social, sendo nele possível observar o funcionamento da ideologia, já que aí temos um sujeito que é responsável por sua elaboração e que, por sua vez, é interpelado pela ideologia e dotado de inconsciente (PÊCHEUX, 1997). Daí que dizemos que não podemos falar em neutralidade de palavras, “que a linguagem não é facilmente domesticável e que, além de não termos controle sobre os sentidos, eles nos afetam e se representam de muitas maneiras” (ORLANDI, 2000, p. 111).

Nessa esteira, voltamo-nos para tal objeto não o olhando como um lugar de interdito, de certeza, de não dúvida, mas como um lugar possível de enxergar a sempre deriva dos sentidos, dado que sabemos: “não há um real absoluto quando da produção linguística por parte do sujeito falante. O que temos é uma produção de efeitos de sentidos que vão auxiliar [...] na constituição de um imaginário sobre a língua” (SCHERER; PETRI, 2016, p. 361). Assim sendo, nosso trabalho com o dicionário entende sua incompletude, diferença e alteridade constitutivas e busca questionar suas verdades, indo para além da ordem de suas evidências. Isto é, trabalhamos com ele tendo em vista seu “funcionamento na relação do sujeito com a língua, incluindo-se aí



não só a relação com as condições de produção imediatas, mas com a memória” (ORLANDI, 2000, p. 112).

## 2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS SOBRE O DICIONÁRIO

Scherer e Petri (2016) afirmam que refletir sobre o dicionário, em especial o de língua, é projetar um lugar que contenha todo o saber, um lugar onde são depositadas todas as palavras da língua e suas significações, sendo o efeito de sentido que o dicionário produz nos sujeitos da ordem de um imaginário que diz que tanto a ortografia – que é formal, estrutural e fixa – como os sentidos – que são de natureza mais fluída – cabem nele; imaginário construído, por sua vez, por sujeitos. Nas palavras das autoras (2016, p. 364):

É próprio ao sujeito, em sentido amplo, construir um imaginário de que o saber está dado em um livro, como se a palavra fosse “domesticável”, e fosse apreensível em sua totalidade como um objeto material. E, assim, os instrumentos linguísticos vão ganhando seu funcionamento, são eles os grandes “senhores” que poderiam controlar e dominar os processos de produção de significação de um determinado saber.

Do postulado por Scherer e Petri (2016), compreendemos que se vê, na maioria das vezes, o dicionário como lugar de completude de representação da língua – língua homogênea, perfeita, sem falhas e furos. No entanto, ao observarmos e tentarmos entender as significações de verbetes, vemos que “a lexicografia frequentemente é uma prática de cópia e de reformulação” (NUNES, 2006, p. 26) e que o dicionário nos remete a movimentos próprios à memória que abriga repetições, substituições e deslocamentos. Ou seja, enquanto objeto discursivo (NUNES, 2006), nele, temos a deriva dos sentidos, ao passo que a significação é um processo no qual intervém a ideologia, o inconsciente, a exterioridade e a história (SCHERER; PETRI, 2016). Do mesmo modo, concebemos que se o dicionário parece não ter ideologia, não ter marcas ideológicas, “sua ideologia é justamente não se marcar ideologicamente” (ORLANDI, 2000, p. 102).



Corroborando com essa reflexão, Nunes (2010) explica a importância de se tomar o dicionário como objeto produzido por sujeitos e para sujeitos e que a constituição de um dicionário envolve práticas inseridas em dadas condições de produção. Ademais, conforme o autor (2010, p. 07), é inegável que tal objeto deve ser visto como “um discurso sobre a língua, mais especificamente sobre as palavras ou sobre um setor da realidade, para um público leitor, em certas condições sociais e históricas”. Dessa forma, dizemos que podemos identificar, nesse objeto, uma posição-sujeito (SCHERER; PETRI, 2016). Contudo, uma posição não empírica, como esclarece Orlandi (2002, p. 104):

A posição-sujeito autor de dicionário [...] corresponde aqui não a um sujeito-autor empírico, porém a uma forma de relação do saber metalinguístico de uma sociedade com a história. É assim que a pesquisa lexicográfica, como a pensamos, põe em contato a língua, a ciência, a sociedade e a história. O dicionário adquire aqui o sentido de uma tecnologia própria à configuração de relações sociais específicas e entre seus sujeitos na história.

A partir de Orlandi (2002), reiteramos que, no dicionário, podemos identificar a inscrição de um sujeito em uma formação discursiva, bem como entender a posição-sujeito assumida por ele. Isto é, temos um sujeito que é falante da língua e que toma uma posição singular diante dessa língua e da ideologia que o domina, produzindo um discurso (SCHERER; PETRI, 2016). Contudo, quanto à tomada de posição de quem produz esse discurso, como ressaltam Scherer e Petri (2016, p. 365), é “bem particular, de estudioso da língua, mas isso não faz dele o detentor de todo o saber sobre a língua”. Devemos pensar que existe um fio do discurso, um interdiscurso, e, por isso, não podemos falar em uma origem do dizer, em um “percursor genial qualquer”, que estaria na fundação de um processo de gramatização de uma língua. “Um homem (empiricamente falando), ainda que dedicasse toda sua vida ao estudo de um objeto dado, não conseguiria...” (PETRI, 2012, p. 26). É tudo o que vem antes que trabalha para que a produção do conhecimento se efetive; é todo o tipo de interlocução que ressoa no discurso como uma memória que não cessa de se reorganizar; e, mais, é tudo o que vem depois e passa a reconfigurar os já-ditos, deslocando sentidos já postos e agregando a eles outros sentidos ainda na ordem do devir (PETRI, 2011).



Em suma, tomamos o dicionário como parte de nossa relação com a língua, o que nos faz ver sua presença como objeto simbólico, histórico, e não somente em sua função normalizadora, assim como nos faz ver que nele há “indícios de como os sujeitos – como seres histórico-sociais, afetados pelo simbólico e pelo político sob o modo de funcionamento da ideologia – produzem linguagem” (ORLANDI, 2002, p. 105). À vista disso, acreditamos que, aqui, o que importa é evidenciar a contradição entre a formalidade e a produção de sentidos no interior do objeto em questão. E, em consequência disso, debruçamo-nos sobre a “formalidade que está posta no dicionário e que lista, fragmenta, separa, fixa e define palavras” e a produção de significações que historiciza, propondo derivas (SCHERER; PETRI, 2016, p. 366). Para tanto, atentamos para como a palavra democracia é significada em certo dicionário, contrapondo tal acepção com o modo como democracia significa em diferentes cartazes de manifestações políticas.

### **3 A LÍNGUA FALHA: UM OLHAR SOBRE A PALAVRA DEMOCRACIA**

A escolha do trabalho com a palavra democracia deve-se ao fato de que ela está presente no discurso político que tem sido mobilizado no Brasil. As manifestações políticas atuais trazem como reivindicação a democracia. Constantemente, vemos sujeitos em movimentos, como passeatas e marchas, clamando pela permanência/conservação de um estado democrático de direito. Levando isso em consideração, interessa-nos compreender os sentidos de tal palavra, quer dizer, interessa-nos aprender os sentidos de democracia em uma relação com a história e a memória.

Analisamos, então, democracia no Novo Aurélio Século XXI, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, buscando estabelecer um contraponto com a maneira como ela aparece em cartazes de manifestações políticas atuais distintas, levando em conta as condições de produção em que o dicionário foi publicado e as condições de produção em que se dão essas manifestações, entendendo que, como assevera Orlandi (2011, p. 53), “os sentidos e os sujeitos são divididos e têm uma direção” que é



política. Vejamos então como democracia é trazida pelo Dicionário e pelos cartazes em manifestações:

### Novo Aurélio Século XXI

Democracia.S.f. 1.Governo do povo; soberania popular; democratismo. [Cf. vulgocracia.] 2. Doutrina ou regime político baseado nos princípios da soberania popular e da distribuição equitativa do poder, ou seja, regime de governo que se caracteriza, em essência, pela liberdade do ato eleitoral, pela divisão dos poderes e pelo controle da autoridade, i. e., dos poderes de decisão e de execução; democratismo. [Cf. (nesta acepç.) ditadura (1).] 3. País cujo regime é democrático. 4. As classes populares; povo, proletariado. Democracia autoritária. Ciênc. Pol. Sistema de governo surgido após a 1ª Guerra Mundial, em geral anticomunista, firmado na supremacia do poder executivo em relação aos demais poderes. Democracia popular. Ciênc. Pol. Designação comum aos regimes políticos monopartidários dominantes nos países da área socialista. [Cf., nesta acepç., república popular.]

Figura 1



Fonte: Disponível em: <<http://www.pt.org.br/manifestos-em-defesa-da-democracia/>> Acesso em: 20/03/2018.

Figura 2

**LÍNGUA E LITERATURA**

TEORIA E ENSINO:

**VOZES, LINGUAGENS, CONTEXTOS**

Fonte: Disponível em: <<https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/>>. Acesso em: 20/03/2018.

### 3.1 BREVE ANÁLISE

Pensando nas condições de produção do Novo Aurélio Século XXI, trazemos Petri (2008, p. 10), que explica que o Aurélio se dedica a “reunir verbetes da língua viva, atualizada cotidianamente, num esforço de controlar, ou pelo menos de contenção dos possíveis efeitos de sentidos que essas palavras possam produzir na língua portuguesa atual”. Dessa forma, visto que esse dicionário dialoga com as edições anteriores, a fim de atualizar as palavras e os sentidos, dizemos é possível observarmos uma dedicação desse instrumento com a produção de efeitos de sentidos nas relações entre língua e sujeito.

Quanto, especialmente, a palavra democracia vemos que, nesse dicionário, sua definição está acompanhada de certos determinantes, como: “democracia autoritária e democracia popular”, que possibilitam determinada direção de sentido: ou é regime autoritário ou popular. Seguindo Petri (2018), podemos notar também aí outro funcionamento importante para pensarmos no sentido do termo em questão, que é o efeito “palavra-puxa-palavra”, o qual se dá no interior mesmo desse instrumento. Por exemplo, o Aurélio indica as acepções que devem ser conferidas: “Cf. Nesta acepç. Ditadura“. Por esse movimento, vemos a construção de uma rede de produção de sentidos, que torna possível explicitar as relações estabelecidas entre palavras. Isto é, pelo efeito “palavra-puxa-palavra”, vemos processos de produção de sentidos, que podem ser destacados pela presença de paráfrase, antonímias, determinações...



historicidade. Processos que identificam trajetos de memória; memória que não se faz sem desvãos, interditos, apagamentos e deslocamentos; memória tensa, tecida na e sobre a língua nos procedimentos tornados prática no fazer dicionarístico (MEDEIROS; PETRI, 2013). Memória que dá a ver uma posição-sujeito do autor do dicionário, que ao recuperar certos sentidos de democracia e associar/dissociar democracia com ditadura, assume uma posição diante de dados sentidos, diante de dada formação discursiva.

Porém, no intuito de promover uma reflexão sobre os sentidos de democracia para além dos dicionários, pensando nos sentidos já-lá/ já-ditos/ já-postos e que podem sempre vir a ser outros, buscamos, em mídias sociais, imagens e notícias que, ao nosso ver, são também lugar de visibilidade e de circulação de democracia. Nesse lugar, podemos observar os possíveis movimentos de aproximação e distanciamento das definições encontradas no dicionário. Para que possamos desenvolver o que pretendemos, nossas reflexões se darão a partir de dois processos fundamentais na linguagem: paráfrase e polissemia. Desse modo, ao fazermos essa “leitura” das imagens que estamos propondo, buscamos ir além do que se diz o dicionário, como lugar de legitimidade de sentidos; ao trazermos à baila o que fica explícito nas evidências; buscamos entender o que constitui o processo. Concordando com Petri (2010, p. 6), quanto à produção dos sentidos, “entendemos que implica ainda a inscrição dos sujeitos em determinada formação discursiva e as singulares relações que cada sujeito estabelece com as formações ideológicas às quais está “livremente” submetido” (COSTA; BRUST, 2018).

Nessa esteira, temos que a figura 1, trazida por nós, é usada como capa de notícias sobre as diferentes manifestações ocorridas no Brasil. No site do PT, em que ela foi veiculada, há um link em que, ao clicar, o usuário é direcionado à notícia sobre o manifesto, onde são encontradas diversas outras manifestações, como: manifesto dos advogados do Paraná, dos Africanistas, dos docentes da universidade da Unicamp. Essa imagem, portanto, traz em si uma memória, a de que o Brasil é uma democracia exatamente por estar em defesa da democracia. Além de vermos aí uma posição que defende a democracia, vemos também a manifestação de uma defesa do povo sobre os seus direitos, seja na saúde, seja na educação, seja em prol de direitos garantidos



constitucionalmente mesmo, o que se aproxima, por sua vez, do que está posto no dicionário (COSTA; BRUST, 2018).

A figura 2, veiculada no site do G1, em dezembro 2015, remete-nos a uma manifestação cujo objetivo consiste em cobrar a cassação de Eduardo Cunha e pedir respeito à democracia. Caracterizado como um ato nacional, em defesa da democracia, em que há um posicionamento contra o impeachment, os manifestantes justificam que “não há comprovação de crime de responsabilidade da presidente eleita pela maioria do povo brasileiro”. Observamos que há um distanciamento entre o que aqui se encontra e aquilo que está posto no dicionário, não no sentido de estar diferente, mas sim na mobilização de sentidos outros, transbordando os limites do verbete, pois, aqui, golpe implica pensar em algo que sabota a democracia; já no dicionário não temos esses outros sentidos, já que está em outra condições de produção, quando não faz referência ao golpe. Ao estabelecermos relações com o dicionário, deparamo-nos com a questão: afinal, o que é então democracia? Aqui, nessa imagem, temos o enunciado definidor: “Defender Dilma é defender a democracia” (COSTA; BRUST, 2018).

Ao analisarmos o verbete democracia no dicionário, observamos, então, que os sentidos sobre democracia vão sendo atualizados; no entanto, como podemos ver, alguns sentidos de democracia são silenciados e isso também produz sentidos. Assim como nas imagens, os manifestantes assumem uma posição em uma dada formação discursiva, quando, sabemos, a ideologia interpela sujeitos e determina sentidos, sempre (COSTA; BRUST, 2018).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, para concluirmos, afirmamos que concebemos que no dicionário há um jogo sobre as formações discursivas que faz com que, não as reconhecendo em suas diversidades, sentidos sejam silenciados, ou melhor, sejam silenciadas as diferenças ideológicas de sentidos, como se a língua fosse transparente e neutra; como se o dicionário fosse um lugar completo e fechado de representação da língua (ORLANDI, 2002). Dessa maneira, é que entendemos que os significados que estão



nos dicionários são pré-determinados pelo estado de luta de classes e explicitam as relações de forças ideológicas em funcionamento em dadas condições de produção. Da mesma forma, dizemos que o verbete analisado nos ajudam a conceber como os sentidos são organizados em redes de significações, bem como nos ajudam a conceber quais são as formulações que nos levam a refletir sobre as oposições conceituais, levando- nos a desmascarar uma suposta completude de sentidos (SCHERER; PETRI, 2016).

## REFERÊNCIAS

AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1992.

NUNES, José Horta. *Dicionários no Brasil: análise e história do século XVI ao XIX*. Campinas: Pontes Editores; São Paulo: Fapesp; São José do Rio Preto: Fapesp, 2006.

ORLANDI, Eni. Lexicografia discursiva. In: *Alfa: Revista de Linguística*, v. 44, p. 97-114, 2000. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4201/3797>>. Acesso em: 17 de junho de 2018.

\_\_\_\_\_. *Língua e conhecimento linguístico: para uma história das ideias no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. Documentário: acontecimento discursivo, memória e interpretação. In: ZANDWAIS, A.; ROMÃO, L. (Orgs.). *Leituras do político*. Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS, 2011.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi et al. 3. ed. Campinas, SP: Unicamp, 1997.



PETRI, Verli. A produção de efeitos de sentidos nas relações entre língua e sujeito: um estudo discursivo da dicionarização do “gaúcho”. *Revista Letras*. Nº 37. p. 227-243. Jul/Dez, 2008.

\_\_\_\_\_. De “garganta do diabo” para “ponte sobre o vale do menino Deus”: reflexões acerca das práticas sociais e dos modos de designar o espaço público. *RUA* [online]. n.16. v.1, p. 66-82, 2010.

\_\_\_\_\_. Romance das palavras ou um dicionário diferente: considerações sobre gramatização e a obra de Celso Pedro Luf. In: *Fragmentum*, n. 28, p. 15-26, 2011. Disponível em:< <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/11155/pdf>>. Acesso em: 17 de junho de 2018.

\_\_\_\_\_. Gramatização das línguas e instrumentos linguísticos: a especificidade do dicionário regionalista. In: *Língua e Instrumentos Linguísticos*, v. 1, p. 23- 37, 2012. Disponível em:< <http://www.revistalinguas.com/edicao29/artigo2.pdf>>. Acesso em: 17 de junho de 2018.

\_\_\_\_\_. Medeiros, Vanise. Da língua partida: nomenclatura, coleção de vocábulos e glossários brasileiros. In: *Letras*, v. 23, p. 43-66, 2013. Disponível em:< <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/viewFile/11725/7156> >. Acesso em 17 de junho de 2018.

\_\_\_\_\_. História de palavras na história das ideias linguísticas: para ensinar língua portuguesa e para desenvolver um projeto de pesquisa. *Conexão Letras*. n. 19.v. 13, p. 47-58, 2018.

SCHERER, Amanda; PETRI, Verli. O funcionamento do político na produção de sentidos: o dicionário como trajeto de leitura...In: GRIGOLETTO, E.; DE NARDI, F. (Org.). *A Análise do discurso e sua história: Avanços e perspectivas*. Campinas, SP: Pontes Editora, 2016.



SILVA, Thaís; BRUST, Viviane. Gestos de interpretação sobre o discurso político: uma análise de “democracia” em diferentes materialidades discursivas. In: *Interfaces*, v. 9, n. 2, jul/ago/set 2018. Disponível em: <[https://revistas.unicentro.br/index.php/revista\\_interfaces/article/view/5493/3791](https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/view/5493/3791)>. Acesso em: 15 de novembro de 2018.

Dicionário utilizado como objeto de análise

FERREIRA, A. B. de H. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.